

O mundo se rende ao talento brasileiro

O Brasil é o país que detém a hegemonia nesse esporte de equipe, com o maior número de campeonatos mundiais conquistados. Se você achou que estamos falando do futebol, se enganou redondamente! Trata-se do Punhobol, esporte ainda pouco difundido pelo país, mas cuja prática, disseminada principalmente na Região Sul, nos tornou referência mundial da modalidade.



(C) Felix Stödt

A *Revista EF* conversou com Gastão Englert (CREF 004236-G/RS), técnico das Seleções Brasileiras Masculina e Feminina de Punhobol, sobre como esse esporte pode conquistar todo o Brasil. Confira!

Revista EF: Que análise o Sr. faz do Punhobol atualmente no país?

Atualmente, no Brasil, vivemos um paradoxo muito grande no Punhobol. Por um lado, temos talvez a melhor metodologia e técnicas de treinamento no mundo. Somos referência em termos de *coaching*, equipes de alta performance e desenvolvimento de técnicas e táticas de jogo. O incompreensível disto tudo e, com certeza, motivo de tristeza a todos nós, é a falta de reconhecimento. Para que possamos quantificar a que me refiro, o Punhobol do Brasil atualmente detém 19 títulos de campeão mundial. Provavelmente o esporte coletivo mais vencedor da história do esporte brasi-

leiro. Atualmente somos o Campeão do *World Games* [uma espécie de Olimpíada de esportes não olímpicos] masculino, campeão mundial feminino, campeão mundial interclubes tanto no masculino como no feminino e vice campeão mundial juvenil.

Revista EF: Apesar de estar no Brasil desde 1911, o esporte tem pouca penetração ainda, sendo mais praticado na Região Sul. O que falta para sua disseminação?

Esta pergunta é difícil. Este ano o Punhobol faz 100 anos de chegada ao Brasil. Uma marca muito significativa e que queremos usar para acelerar o nosso crescimento. Como estratégia, estamos buscando investir no Punhobol universitário e levá-lo para dentro das escolas. O local em que jogamos muitas vezes vira um empecilho, especialmente no alto nível, pois necessitamos de um gramado em boas condições, o que nos faz disputar es-

paço com o futebol. Neste momento, temos o Punhobol *indoor*, para que possamos entrar nas escolas.

Revista EF: De que forma o Profissional de Educação Física poderia adotar o esporte nas escolas?

Este é o nosso foco principal atualmente: desenvolver metodologia de ensino para que a escola seja a porta de entrada de crianças e adolescentes no Punhobol. Para que este sonho se torne realidade, é fundamental termos profissionais capacitados e que possam ministrar essa atividade segura, inteligente, atrativa e prazerosa. Para tanto, estamos criando um Campeonato Brasileiro Escolar e realizando palestras em escolas por todo o Brasil para alunos e professores interessados em difundir outros esportes além dos já tradicionais. O Punhobol é um esporte muito instintivo e de movimentos naturais, o que permite ao iniciante ter sucesso já em período inicial para novatos.

Revista EF: O que é preciso para começar a jogar Punhobol?

O material é muito simples. Podemos começar com uma corda, simulando a rede que usamos que é de cinco centímetros, pois é possível passar por baixo dela em função de não termos invasão; bolas de iniciantes, mais lentas, e um campo ou quadra poliesportiva. É possível se jogar tanto *indoor* como *outdoor*, o que o torna muito acessível para escolas, praças e clubes.

Revista EF: Quais valores e lições podem ser tirados e aproveitados do Punhobol por quem o pratica?


Em primeiro lugar, a questão do relacionamento e convívio em equipe que todo o esporte coletivo traz. O Punhobol tem uma característica de ser um esporte para

toda família e, com frequência, há competições onde num mesmo espaço temos pais e filhos tendo eventos nos mesmos dias. Outra característica é que o Punhobol do Brasil, como um esporte de alto nível técnico, desenvolve em seus praticantes várias competências importantes para a vida toda, como liderança, dedicação, respeito, convivência, superação, comprometimento, atenção aos detalhes e trabalho na adversidade.

Revista EF: Como o Profissional de Educação Física interessado em conhecer melhor o Punhobol deve proceder?

Todo o Profissional de Educação Física interessado pode entrar em contato com o nosso gerente administrativo através do e-mail manager@punhobolbrasil.com.br e visitar o site www.punhobolbrasil.com.br. Outro meio bem legal é ir a uma das tantas competições que o Brasil organiza. Nosso calendário atualmente é bem nutrido de competições de muito bom nível. Uma vez feito este contato, é só começar.

Revista EF: Quais as perspectivas para o futuro do Punhobol no Brasil?

As perspectivas são muito boas. O Punhobol é um esporte fácil de ser implementado, pois pode ser praticado em muitos espaços distintos. As técnicas básicas são movimentos naturais, o que faz com que o desenvolvimento inicial seja muito rápido. Estamos em curso com o projeto de inclusão nas escolas e universidades, evitando a necessidade de obrigatoriamente ter que ser sócio de um clube que já tenha o Punhobol. Hoje você pode montar um time em sua escola e jogar o Campeonato Brasileiro Escolar sem problemas. Nós capacitamos os professores. 

O Punhobol

No Punhobol, cada equipe tem cinco jogadores, que jogam separados por uma rede em um espaço seis vezes maior que uma quadra de vôlei, considerando os jogos oficiais da categoria adulto. Uma jogada completa no Punhobol é composta por defesa, levantada e ataque.

A bola pode quicar no chão uma vez entre cada contato. São três contatos para cada equipe, que tenta colocar a bola na quadra do adversário por cima da rede, de forma que este não consiga devolver. Só se

pode usar um dos braços de cada vez e com a mão fechada – por isso o nome de Punhobol.

Criado na Alemanha, o esporte foi trazido ao Brasil por imigrantes no século XIX. Hoje, o Punhobol conta, no país, com cerca de 3 mil praticantes, sendo que 2 mil participam de competições oficiais. Com a estratégia de aproximar o Punhobol das escolas, o esporte já está presente em alguns estados brasileiros. “Estamos buscando expandir contato com São Paulo e Nordeste”, adianta Englert.